

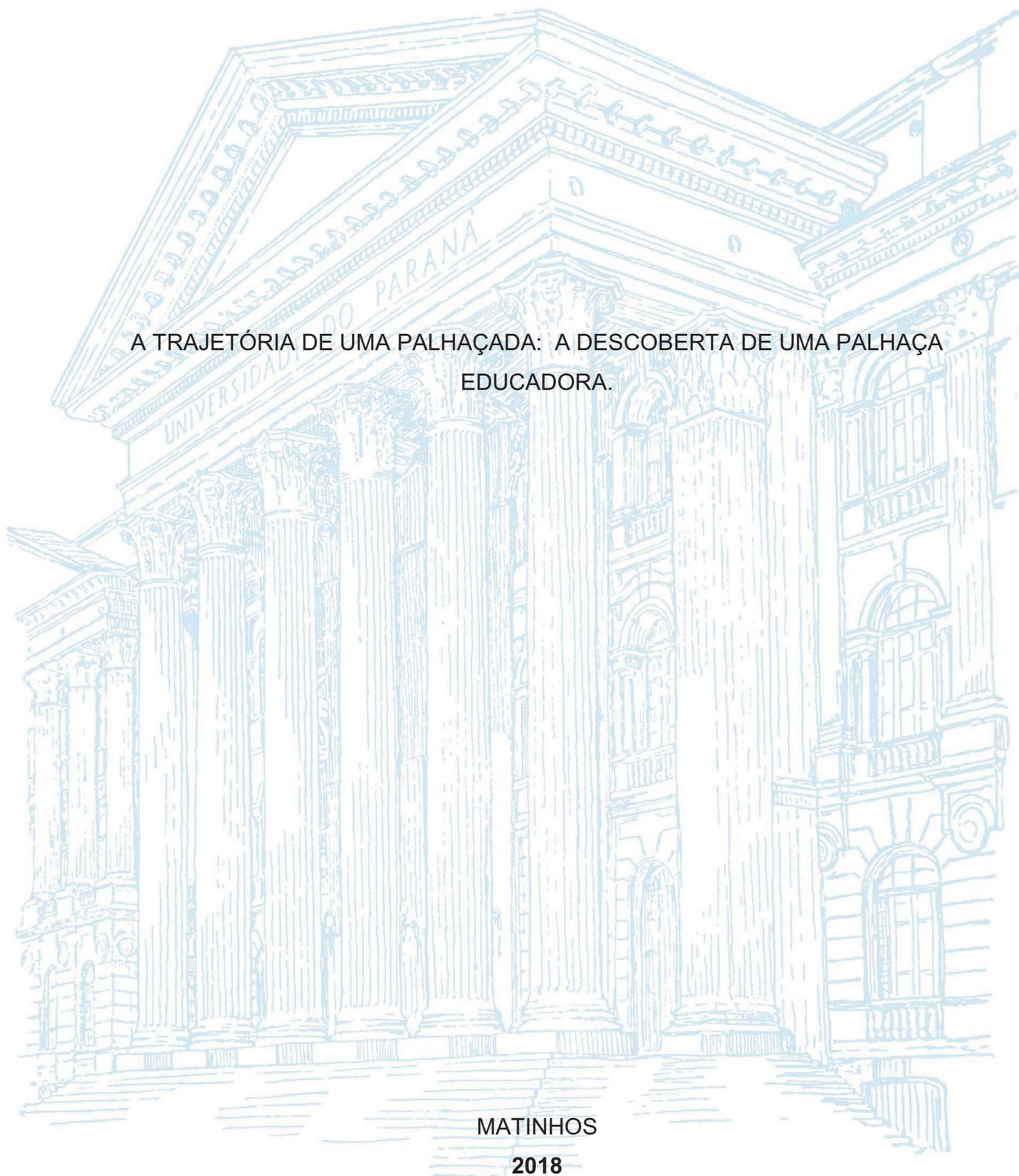
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LETÍCIA VALÉRIE CUNHA RAMOS

A TRAJETÓRIA DE UMA PALHAÇADA: A DESCOBERTA DE UMA PALHAÇA
EDUCADORA.

MATINHOS

2018



LETÍCIA VALÉRIE CUNHA RAMOS

**A TRAJETÓRIA DE UMA PALHAÇADA: A DESCOBERTA DE UMA PALHAÇA
EDUCADORA.**

TCC apresentada ao curso de Pós-Graduação em Alternativas Para Uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas Para Uma Nova Educação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Lenir Maristela Silva

MATINHOS

2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pela orientadora Professora **Dra. Lenir Maristela Silva**, realizaram em 30 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da estudante **Letícia Valerie Cunha Ramos** sob o título “A TRAJETÓRIA DE UMA PALHAÇADA : A DESCOBERTA DE UMA PALHAÇA EDUCADORA ”, sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral, tendo sido “APROVADA”.

Matinhos, 30 de junho de 2018.

Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Orientadora

Dr. Valentim da Silva
Professor Integrante

Dra. Vanessa Marjion Andreoli
Professora Integrante

Letícia Valerie Cunha Ramos
Estudante

Conceitos de aprovação

APL = Aprendizagem Plena

AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação

APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente

AI = Aprendizagem Insuficiente

RESUMO

Este é o relato de uma breve vivência feita por mim no curso de especialização em alternativas para uma nova educação, carinhosamente conhecida como ANE. Neste texto contarei sobre as minhas descobertas como educadora e como percebi que amores, afetos e a alegria fazem toda a diferença quando se trata de relações que envolvem a escola e a vida. Também contarei como a figura do palhaço (uma das minhas grandes paixões) fez a diferença entre as minhas propostas de alternativas educacionais norteadas nos seis “Inter” propostos pela ANE e as delícias e frustrações de ser uma educadora em busca do inovador.

Palavras-chave: Educação. Arte. Palhaço.

ABSTRACT

This is the report of a brief experience made by me in the course of specialization in alternatives to a new education, affectionately known as ANE. In this text I will tell you about my discoveries as an educator and how I realized that loves, affections and joy make all the difference when it comes to relationships involving school and life. I will also tell you how the clown figure (one of my great passions) made the difference between my proposals for educational alternatives based on the six "inter" proposed by ANE and the delights and frustrations of being an educator in search of the innovator.

key words: Education. Art. Clown.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| FIGURA 1 – APRESENTAÇÃO DO AUTO DE NATAL..... | 5 |
| FIGURA 2- APRESENTAÇÃO AUTO DE NATAL II..... | 5 |
| FIGURA 3- OFICINA DE CLOWN..... | 8 |
| FIGURA 4- OFICINA DE CLOWN II..... | 9 |
| FIGURA 5 – APRESENTAÇÃO NA III CONANE CAIÇARA | 11 |
| FIGURA 6 – OFICINA DE CLOWN III..... | 12 |

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| 1 INTRODUÇÃO | 1 |
| 2 A PESSOA POR TRAS DA PERSONA | 2 |
| 3 A DESCOBERTA DA PALHAÇA EDUCADORA..... | 4 |
| 4 AS AÇÕES DEVEM CONTINUAR! | 12 |
| 5 QUANDO A CORTINA FECHA, A COCHIA FAZ A FESTA. | 14 |
| REFERÊNCIAS..... | 16 |

1 INTRODUÇÃO

Qual a relevância da alegria nas escolas? Como a figura do palhaço pode contribuir nos estudos de alternativas para uma nova educação?

Este trabalho fala sobre as vivências pessoais e profissionais de uma arte educadora e como a memória afetiva foi de extrema relevância para descobrir a sua maneira de fazer uma alternativa educacional.

A palavra afetividade tem sido muito citada pelos autores que falam sobre uma educação inovadora e contra hegemônica. Nada melhor que passar por isso na própria pele para saber a importância que o carinho tem.

O termo afetividade provém de estar afetado. A afetividade refere-se, portanto, ao fato de que em todas as situações vitais conscientes o ser humano tem o testemunho de sua própria vivência interna com respeito à ressonância e ao grau em que esta situação influi sobre ele, que o afeta. (ARRIBAS, 2006, p.45-46).

Levando em conta os seis “inter” que permeiam a filosofia da ANE (alternativas para uma nova educação), sendo eles o processo de ligação entre as disciplinas, culturas, gerações, instituições, experiências e territórios, a figura do palhaço surgiu para mim como uma grande carta na manga para se conversar sobre o que é pouco falado nas paredes das escolas: a alegria.

Aqui falarei também sobre a minha experiência em oficinas durante as ações da ANE, as ideias que não deram certo do meu ponto de vista e como cheguei até a figura do palhaço como base de estudo para uma educação tanto formal quanto informal.

Espero que aqui possa mostrar com clareza pensamentos e convicções que descobri durante um ano de experiências e que seja uma boa e clara leitura.

2 A PESSOA POR TRAS DA PERSONA

Para começar a falar sobre a minha vivência e meus aprendizados dentro da ANE, nada mais justo que falar sobre a minha história como base para as minhas atuais escolhas na educação.

Como minha família inteira é da cidade de Matinhos-PR, nasci e me criei nesta cidade. Tive todas as minhas experiências tanto acadêmicas como pessoais em Matinhos. Desde muito jovem convivia com a profissão do meu pai, minha avó e minhas tias, que não poderia ser outra que não a docência.

Alguns interesses permearam minha pequena trajetória desde muito pequena. Interesses esses que basicamente foram o grande norte da minha vida por muito tempo. Consigo aqui pontuar três:

-ESPORTE: Sempre observei o amor que meus tios tinham pelos esportes e desde muito jovem quis participar de todos os campeonatos escolares que me eram possíveis. Durante minha vida na escola pratiquei esportes como futebol, futsal, vôlei, handebol, handbeach e basquete. Quando digo que participei, quero deixar claro que eu respirava esses esportes vinte e quatro horas. Mas como sempre tive uma mãe zelosa e um pai “ponta firme”, não podia viajar com meus times em competições. Quando pude viajar, já estava no último ano do ensino médio. Nem isso me abateu. Meu objetivo era fazer educação física ou estatística (não me perguntem sobre meu gosto peculiar), mas minha vida estava prestes a mudar.

- MÚSICA: Meu pai teve a audaciosa ideia de formar a primeira escola de música da cidade de Matinhos quando eu tinha os meus seis anos. É claro que eu, criança curiosa, não poderia ficar de fora dessa. Aos sete anos comecei a fazer aulas de violão popular e três anos depois passar para o violão erudito. Aos treze anos tive a minha primeira experiência como professora, quando comecei a dar aulas de baixo para crianças menores na escola de meu pai. Quando tive que escolher um curso superior, depois de meus pais me informarem que eu não teria condições de estudar fora da cidade, descobri o curso de Licenciatura em Artes na UFPR Litoral e, quando li que existia uma matéria específica de música, logo me interessei. Nesta época eu já tinha uma banda formada apenas por meninas e éramos premiadas pelo litoral paranaense. Mal sabia eu que neste ano entraria na

faculdade e logo mais me apaixonaria por outra linguagem artística com toda a minha alma e coração.

-TEATRO: Depois que já estava dentro da universidade descobri que a Cia de Teatro da UFPR Litoral estava ofertando bolsas para estudantes da universidade. Pensei comigo mesma que nunca havia feito teatro na vida, por mais que sempre tivesse me interessado. A continuação dessa história não poderia ser outra: me apaixonei pela linguagem teatral e a partir daí tento sempre inseri-la em tudo o que faço, inclusive como uma alternativa para uma nova educação.

Falando na minha paixão pelo teatro, outra coisa me chamou a atenção durante a faculdade. Enquanto cursava Licenciatura em Artes conheci uma nova proposta pedagógica e outras formas de se fazer educação. Desde a forma em que sentávamos na sala de aula até a forma de trabalhar com projetos de aprendizagem me chamavam atenção porque era algo diferente do que eu via na escola (e, sinceramente não me tocava). Através dos projetos que a UFPR Litoral ofertava comecei a me interessar mais pela educação. Mesmo que não estivesse nos meus planos de vida.

Dentro da Cia de Teatro da UFPR Litoral pude ganhar prêmios, participar de cursos, oficinas, dirigir artisticamente a categoria juvenil e principalmente aprender de uma forma diferente. Um dos cursos que mais me chamou atenção e me definiu artisticamente foi o “Presente de Palhaço”, que abordava a iniciação ao clown.

Após a vivência descrita acima, me formei como licenciada em artes e depois fiquei um período longe tanto da arte quanto da docência. Até que surgiu a oportunidade de trabalhar num projeto diferenciado: o contra turno escolas do município de Matinhos. Neste projeto eu trabalho com as oficinas de musicalização e através dele comecei a me interessar mais ainda nas novas alternativas educacionais. Até que surgiu a oportunidade para eu entrar na primeira turma de especialização em alternativas para uma nova educação (ANE).

A partir daí a vivência já passou a ser de certa forma intensa e libertadora para mim.

3 A DESCOBERTA DA PALHAÇA EDUCADORA.

A ANE apareceu para mim como algo desprezioso e que aos poucos foi me despertando olhares diferentes sobre a educação. Ao chegar no primeiro encontro já me deparei com diferentes vidas, culturas e principalmente sonhos. Cada integrante ali apresentado me chamava mais a atenção e me fez pensar sobre o que eu estava fazendo enquanto educadora. Surgiu a proposta de fazermos encontros mensais dentro das quatro paredes daquela sala da UFPR Litoral e nas outras semanas que restavam, nos encontraríamos através de ações propostas por cada integrante, contando com a participação dos colegas de ANE. Estas ações eram baseadas na pedagogia de projetos¹.

No início achei uma ideia excelente (e no final também). Mas foi uma pena que no meio do processo me perdi por devidos acontecimentos profissionais e pessoais. As ações propostas pelos colegas quase sempre batiam com minha agenda profissional e na minha condição de trabalho infelizmente não podia me ausentar. Isso me deixava cada vez mais frustrada. Neste início até tentei propor uma ação para ver se pelo menos meus colegas poderiam participar da minha, com um sentimento de talvez suprir minha ausência para com eles. Mas a ideia dessa ação ainda estava confusa na minha cabeça. A proposta foi a seguinte:

-PRIMEIRA AÇÃO -

Como eu trabalhava com a musicalização no contra turno escolar de Matinhos, meu primeiro pensamento foi fazer uma ação no meu local de trabalho. A nossa ideia era fazer um auto de natal nas sacadas do prédio onde as crianças faziam aula diariamente (FIG 01 e 02). Começamos a ensaiar dois meses antes da data marcada para apresentação. Ainda não estava claro o que eram as ações pra mim, por isso marquei a minha como a organização para esse auto e a apresentação.

No dia, propus que meus colegas nos ajudassem a pendurar os enfeites, afinar as luzes (que foram cedidas pela UFPR), participassem dos últimos ensaios

¹ Segundo Ana Lúcia Amaral (2000), a Pedagogia de Projetos foi criada por John Dewey e seu discípulo William Kilpatrick e se contrapunha aos princípios e métodos da escola tradicional. Hoje em dia, segundo a autora, esse movimento foi reinterpretado, fornecendo subsídios para uma pedagogia dinâmica, centrada na criatividade e atividade discentes, numa perspectiva de construção do conhecimento pelos alunos, mais do que na transmissão deste pelo professor.

com as crianças tanto do teatro como do coral, ou até fossem os “anjos da guarda” nas sacadas, para que toda a segurança fosse possível. Mas para a minha então frustração, só uma colega da ANE foi. Colega essa que também trabalha no contra turno.

FIGURA 1 – APRESENTAÇÃO DO AUTO DE NATA
L



FONTE: Programa Saberes.

FIGURA 2- APRESENTAÇÃO AUTO DE NATAL II



FONTE: Programa Saberes

Hoje vejo que na verdade essa não era uma ação clara. Por mais que a apresentação tenha sido linda e grande parte da comunidade tenha ido no dia, ainda não era algo significativo como educação.

Depois desse dia me vi desanimada quanto as alternativas para uma nova educação e graças a isso até perdi ações extremamente relevantes para que eu pudesse compreender o verdadeiro sentido da ANE.

-COMPREENDENDO OS SENTIDOS DA ANE-

Durante uma das tantas rodas de conversa nos encontros em sala, me deparei com seis palavras que me chamaram atenção e todas com o “Inter” em comum. Eram elas: interdisciplinaridade, interculturalidade, intergeracionalidade, interinstitucionalidade, interexperencialidade e interterritorialidade. Cada termo com seus significados, mas todos “interligados pela necessidade de se trabalhar a educação de uma forma inclusiva e sem barreiras territoriais, culturais, geracionais, disciplinares e experienciais. Isso me chamou atenção e comecei a pensar no que encaixaria dentro de todos esses termos. Essas seis palavras me fizeram voltar a pensar sobre o que eu estava fazendo enquanto educadora.

Uma das atividades da ANE foi dividir a turma por núcleos, para que ficasse mais fácil os encontros. Eu por ser da cidade de Matinhos fiquei no núcleo centro. A tarefa então era estudar alguns autores e encontrar coisas em comum nos textos de cada um. O nosso núcleo notou que a relação de afeto era muito citada em autores como Rubem Alves, Celso Vasconcellos, Paulo Freire, Edgar Morin, Cláudio Naranjo, Maturana e José Pacheco. Cada um com seu ponto de vista, mas todos falando sobre a importância do mesmo. Uma curiosidade ocorreu quando, sem saber, eu estava sendo tocada e transformada pelo afeto quando, depois de muito tempo desanimada e sem saber o que fazer quanto as minhas ações na ANE, alguns colegas me chamaram para dar oficinas de teatro em suas ações. Aceitei sem pensar duas vezes e esse fato me fez resgatar dentro das minhas memórias afetivas uma das minhas maiores paixões, o palhaço. Voltei a ler sobre a história do circo e o quanto a trajetória do palhaço poderia ser confundida com a minha própria história.

O riso manifesta o domínio de si sobre si mesmo, ele é a afirmação da liberdade, é por isso que ele inquieta aqueles que adoram as gaiolas da certeza, mesmo flexíveis; ele é desapego, coragem de afrontar a vida sem garantias de verdades absolutas (ALBUQUERQUE, 2006, p. 103).

Durante minhas tentativas de lembrar as diversas atividades de palhaço que tinha em meu repertório, me peguei pensando na importância da alegria na educação. Algo que não é falado durante os longos anos em sala de aula e tão abordado por diversos autores.

-OFICINAS DE PALHAÇO

Com base nos jogos teatrais de Viola Spolin² e Augusto Boal³, propus atividades e exercícios onde era possível trabalhar com o corpo, ingenuidade e a descoberta da criança dentro de cada participante.

A primeira experiência palhacesca durante a ANE foi nas Oficinas de Múltiplos Interesses na escola estadual Tereza da Silva Ramos (FIG 03). Lá os participantes eram na maioria estudantes da própria escola e de pedagogia, ou seja, um público mais jovem. No início houve uma certa resistência para começarem a fazer os exercícios, por se tratarem de trabalhos corporais e de conhecimento do outro, mas logo os estudantes viram que era algo que eles não imaginavam. Era simplesmente o resgate da inocência e da brincadeira espontânea. Era o nascimento dos seus *clowns*. Como eles viriam ao mundo. Que cor teriam, qual penteado usavam, como eram os seus andares, entre outros.

Depois de descobrirem que seus palhaços não eram nada do que imaginavam, começaram a fazer brincadeiras de descoberta de objetos como guarda-chuvas, bola, flauta, apito, entre outros, para então começarem a interagir com o próximo. Após todo o trabalho de desenvolvimento de cada palhaço, a oficina então era puramente brincar.

Esta primeira experiência contribuindo para uma ação com algo que estava na minha memória afetiva foi de uma relevância gigantesca para meu trabalho como educadora. Percebi que o afeto tem que partir primeiro de dentro de cada um, para que possa ser passado adiante. Ao final da oficina fiquei emocionada por ver o novo significado de palhaço e até de si mesmo que eu havia plantado em cada estudante ali presente.

² Autora e diretora de teatro é considerada por muitos como a fundadora ou a avó norte-americana do teatro improvisacional.

³ Diretor, autor e teórico. Por ser um dos únicos homens de teatro a escrever sobre sua prática, formulando teorias a respeito de seu trabalho, torna-se uma referência do teatro brasileiro. Principal liderança do Teatro de Arena de São Paulo nos anos 1960. Criador do teatro do oprimido, metodologia internacionalmente conhecida que alia teatro a ação social.

FIGURA 3- OFICINA DE CLOWN



FONTE: Arquivo Pessoal

A segunda oficina que ofertei foi no Domingão da Desformação (FIG 04), realizado por outras colegas da ANE. Neste dia o público alvo já era mais velho e com outros objetivos: educadores.

Para iniciar, foi o mesmo procedimento de descoberta de cada palhaço feito na primeira oficina. Neste exercício o público já tinha mais receio de participar e menos concentração. Mas nada que impedisse o bom andamento da oficina.

Os exercícios foram modificados para um público mais velho, com brincadeiras mais contidas e mais lentas, como a corrida em câmera lenta (o último a chegar era o vencedor)

Este público já era mais difícil por serem pessoas com uma carga de vida maior. O palhaço necessita da ingenuidade e tirar isso de alguém que já a esqueceu é um processo bem mais lento.

No final, deu para passar um pouco da importância de se trabalhar a alegria tanto na escola quanto na vida. Mas para um bom trabalho com resultados efetivos, era necessário no mínimo uma semana com aquele público alvo.

FIGURA 4- OFICINA DE CLOWN II



FONTE: Arquivo Pessoal

A figura palhacesca brinca com os assuntos institucionais, esvaziando, por meio do riso e da arte, os conceitos endurecidos, aprisionados, enclausurados e cristalizados pela educação tradicional. (FERREIRA, WUO, 2017. P. 103)

Após passar por essas duas experiências de oficina durante o período da ANE, comecei a pesquisar sobre o palhaço na escola e durante essas pesquisas encontrei diversos trabalhos acadêmicos acerca da “pedagogia palhacesca”. Entre eles, posso aqui ressaltar alguns como “Pedagogia palhacesca: a escola do só eu no ensino regular” escrita por Frederico de Carvalho Ferreira e Ana Elvira Wuo e “Pedagogia palhacesca: uma poética de atravessamentos, transgressões e comicidade na escola básica” escrita pelos mesmos autores anteriormente citados e sendo um texto a adaptação e complemento do outro.

Assim como as crianças que outrora fugiam com o circo, levar o picadeiro para dentro da escola é potencializar momentos de apreciação estética e criação artística individual e coletiva no campo da comicidade como recurso de encontro para potencializar a autonomia risível no contexto escolar. (FERREIRA, 2016, p. 8)

Acredito que o palhaço tenha um grande potencial dentro das escolas, mas ainda não foi devidamente explorado da mesma forma que podemos observar nos hospitais. Os Doutores da Alegria ⁴trouxeram um significado e um resultado de proporções enormes dentro dos hospitais. Mostraram para toda a sociedade o que a figura palhacesca é capaz. Espero que aos poucos esta figura tão icônica vá ganhando seu devido espaço dentro das escolas e em espaço educacionais alternativos.

-APRESENTAÇÃO III CONANE CAIÇARA-

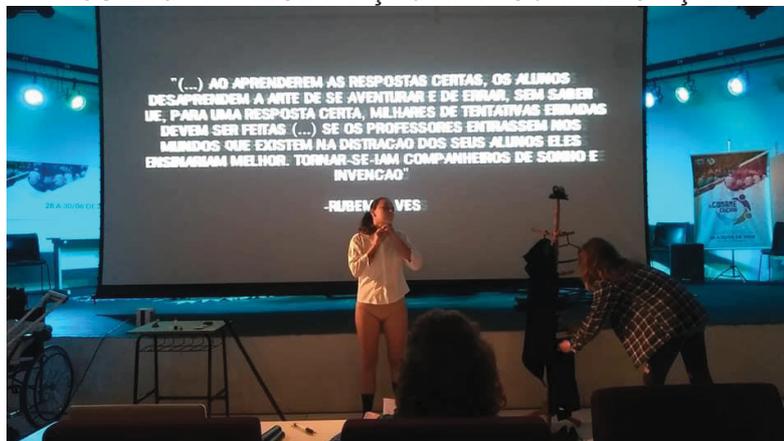
Para finalizar esse relato sobre minhas descobertas dentro da ANE, vou falar aqui sobre minha apresentação na Terceira Conferência Nacional de Alternativas para uma Nova Educação – III CONANE CAIÇARA. Nela o objetivo era sintetizar tudo o que eu escrevi até agora nesse texto. Como tenho a minha paixão nada escondida pelo teatro, resolvi apresentar através de uma performance teatral (FIG.05). A ideia era mostrar para o público o quanto o afeto de meus colegas foi fundamental para que eu relembresse e resgatasse a minha palhaça que já estava esquecida, fazendo com que eles montassem a minha clown durante a apresentação.

Com uma roupa neutra (lingerie bege), fiquei parada no palco enquanto passava um vídeo com todas as referências bibliográficas que embasavam meu trabalho e momentos das minhas oficinas e entrevistas que dei. Enquanto isso, meus colegas entravam um por vez, pegavam uma peça de roupa ou maquiagem e me vestiam/maquiavam. Até a Mafalda (minha palhaça) aparecer com seu nariz vermelho, sua roupa em preto e branco e sua bengala elegante.

Durante o vídeo um áudio passava com minha voz falando da importância da oficina de palhaço e descrevendo a mesma.

⁴ Fundada por Wellington Nogueira em 1991, Doutores da Alegria é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos que utiliza a arte do palhaço para intervir junto a crianças, adolescentes e outros públicos em situação de vulnerabilidade e risco social em hospitais públicos e ambientes adversos.

FIGURA 5 – APRESENTAÇÃO NA III CONANE CAIÇARA



FONTE: Arquivo Pessoal

A resposta do público foi excelente e pelo relato das pessoas que vieram conversar comigo depois, eu consegui passar o meu recado sem precisar falar uma palavra. Uma curiosidade é que a Mafalda não fala, apenas canta. Isso contribuiu para que eu fizesse um trabalho sucinto. Meu objetivo era mostrar as alternativas para uma nova educação inclusive na minha apresentação, pois já estava cansada do mesmo. Nas poucas conferencias que fui, via muitos “monólogos” e pouco envolvimento efetivo do público presente.

4 AS AÇÕES DEVEM CONTINUAR!

-OFICINA PÓS ANE

Depois da finalização das aulas presenciais da ANE me vi com a necessidade de continuar de alguma forma participando de ações. Até que a colega Michele Santos me convidou para dar a oficina de clown na Escola Estadual Prefeito Djalma Johnsson, na cidade de Colombo-PR. No dia 26 de outubro de 2018 eu pude ir até a escola e dei a oficina para cinco turmas do ensino fundamental II e em cada uma delas passei uma ação diferente para que posteriormente eles pudessem fazer uma troca de atividades entre elas.

FIGURA 6 – OFICINA DE CLOWN III



FONTE: Arquivo Pessoal

Desta vez pude trabalhar com o público mais disposto e participativo até então. Todos participaram e, dentro de suas limitações, se entregaram a arte do palhaço. Fomos adaptando as atividades de acordo com as turmas. Aquelas mais agitadas, fizemos atividades rápidas e de concentração. Em compensação nas

turmas mais “calmas” fizemos atividades lentas, de criatividade e estudo de expressões para interpretação palhacesca.

Percebi um carinho muito grande vindo tanto dos participantes quanto da escola. Eles queriam fazer mais atividades e ficaram extremamente animados quando eu lhes disse que havia a possibilidade de ter uma troca entre as turmas, pois eu havia passado atividades diferentes para cada um.

-CONVITE PARA O FUTURO

Após essa ação, recebi o convite do meu mestre do teatro Alaor Carvalho para voltar a companhia de teatro da UFPR Litoral, agora denominada ARTD I, no ano de 2019, podendo estudar mais a arte do clown e passar meus conhecimentos tanto aos acadêmicos da universidade quanto a comunidade participante da companhia. Poder fazer uma ação deste tamanho e desta proporção me deixa extremamente feliz e esperançosa para o futuro.

5 QUANDO A CORTINA FECHA, A COCHIA FAZ A FESTA.

Após diversas frustrações, mas inúmeras descobertas, percebo que esse período fazendo parte dessa rede chamada ANE me fez uma nova pessoa tanto no profissional como no pessoal. Vi o quanto o carinho e o afeto são importantes na trajetória de qualquer ser, até porque senti isso diretamente na pele. A empatia deve ser a mediação em todos os âmbitos da vida, principalmente quando se trata da educação.

Falando sobre futuro, me vejo tentando cada vez mais e mais. Tentando mudar a realidade da educação começando dentro do meu próprio local de trabalho. Tentando continuar meus estudos em palhaço. Tentando ter mais empatia para com o próximo.

A partir dos estudos iniciados na ANE, alguns caminhos podem ser tomados:

-MESTRADO- Quero continuar meu trabalho com o palhaço como uma alternativa para uma nova educação, mas agora me aprofundando mais e tentando um mestrado em teatro ou em educação. Acho extremamente importante continuar os estudos para que eu possa sempre fazer um trabalho mais rico e passar adiante cada conhecimento adquirido durante meus pequenos passos.

-PROJETOS- Estando em contado com a prefeitura municipal, quero propor projetos de teatro nas escolas, onde eu possa trabalhar com o palhaço, o circo, a improvisação e muito mais. Nada melhor que colocar todo o conhecimento adquirido em prática e poder acrescentar algo para a comunidade.

-OFICINAS- Continuar as oficinas de palhaço que iniciei na ANE é questão de crescimento pessoal para mim. Para poder experimentar, trocar conhecimentos, práticas, conhecer pontos de vistas diferentes, criar jogos teatrais em conjunto, enfim, não deixar o palhaço cair no esquecimento novamente dentro de mim.

-CURSOS- Criar novos interesses no teatro é imprescindível para a boa continuidade do projeto. Tentar trazer cursos voltados para os educadores é um dos meus objetivos para o futuro, aproveitando o curso de Licenciatura em Artes ofertado pela UFPR Litoral. Curso esse que me apresentou o teatro e consequentemente o palhaço.

Para finalizar, um trecho escrito por Rubem Alves que indico a todos os educadores a lerem todos os dias para lembrarem do motivo pelo qual escolheram

essa profissão: a alegria de ensinar. Que ela seja lida e lembrada sempre e que num futuro não tão distante possamos ensinar a alegria:

Vai aqui este pedido aos professores, pedido de alguém que sofre ao ver o rosto aflito das crianças, dos adolescentes: lembrem-se de que vocês são pastores da alegria, e que a sua responsabilidade primeira é definida por um rosto que lhes faz um pedido: “Por favor, me ajude a ser feliz...” (ALVES, 2007, p.19)

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Durval Muniz Júnior. Michel Foucault e a Mona Lisa ou Como escrever a história com um sorriso nos lábios. In: RAGO, Margareth e VEIGA-NETO, Alfredo (Orgs). Figuras de Foucault. São Paulo: Autêntica, 2006.

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2003.

ARRIBAS, Teresa LLeixá e Colaboradores. Educação Infantil: Desenvolvimento, Currículo e Organização Escolar. 5.ed. Porto Alegre: Artmed, 2004; reimpressão 2006.

BOAL, Augusto. Jogos para atores e não atores. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

FERREIRA, Frederico de Carvalho; WUO, Ana Elvira. Pedagogia palhacesca: a escola do só eu no ensino regular. 2016. 105. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

FERREIRA, Frederico de Carvalho. Pedagogia palhacesca: uma poética de atravessamentos, transgressões e comicidade na escola básica. 2016. 33. Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2017.

MORIN, Edgar. Os sete saberes necessários à Educação do Futuro. [tradução Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya]. 6ª ed., São Paulo: Cortez editora; Brasília: Unesco, 2002.

SILVA, Odette Duarte dos Santos. Afetividade e Aprendizagem: Limites e Possibilidades. 2012. 89. Centro Universitário Barão de Maué, Curitiba, 2012.

SPOLIN, Viola. Jogos Teatrais para a sala de aula: um manual para o professor. (I. D. KOUDELA, Trad.). São Paulo: Perspectiva, 2007.